



Caminhos do presente e suas travessias: “infovias” contemporâneas na *urbis* organizacional e das ruas

POR **ANDERSON SANT’ANNA E RICARDO CARVALHO**

“Se esta rua, se esta rua fosse minha, eu mandava, eu mandava ladrilhar”... (Cantiga de roda brasileira)

A ocupação urbana e o movimento/manifestação das ruas têm sido o tema do momento. Sua base vem de outras primaveras – árabe, europeia ou norte-americana – capitaneada pelo movimento *Occupy*, iniciado em Nova York, capital-antena e refletora das ondas e tormentas globais do nosso planeta azul, sobretudo depois da crise (soberana) de 2008.

O mundo está nas ruas. E no Brasil a frase “Saí do *Facebook*” chamou a atenção quando chegou a nossa vez (recentemente) de ir às ruas pro-

testar. Será que estávamos todos amarrados ao nosso tronco virtual laboral, adorando o tecnototemismo, no melhor de nossa adesão ao tecnovício cotidiano? Fato é que há muito tempo, desde os “caras pintadas”, não víamos e vivíamos as ruas como tem acontecido desde junho de 2013.

A arqueologia do urbano retoma a cena. Recentemente, a exposição artística “Escavar o Futuro” retratou os olhares para os espaços onde emergem as tensões sociais: a rua, o espaço urbano ocupado. Na rua a cena é real, diríamos mesmo,

DIANTE DE TANTO CONTROLE, ESCAPAMOS PARA AS RUAS, ESPAÇOS INFORMAIS ONDE AINDA É POSSÍVEL O EXERCÍCIO DA DIFERENCIAÇÃO

hiper-real. Uma efervescência coletiva na configuração de uma nova etnografia expositiva da nossa época, destituída de grandes relatos e que coincide com a falta de líderes, ou melhor, da liderança observada-assertiva, tão propalada neste movimento brasileiro de potência pública, com um número recorde de pessoas nas ruas! Estaríamos inventando um futuro difuso sem organicidade clara?

Em todo caso, as ruas parecem ser o foco, desde o *street style*, da retomada do olhar etnográfico, em que todo cuidado é pouco ao querer classificar o “estranho”, ou aquilo que ocorre sem aparente previsibilidade. Embora nada possamos prever, nunca nossos sistemas de controle foram tão sofisticados. Diante de tanto controle, escapamos para as ruas, espaços informais onde ainda é possível o exercício da diferenciação, em um mundo cada vez mais homogeneizado e de seres auto-centrados, com a sensação de irrealidade cada vez mais presente. Essa sensação foi antecipada por Charles Baudelaire, que previu no início do século 20, o fim da *flânerie* (passeio sem destino), o livre ir e vir *nonchalance* (despreocupado) nas ruas, quase ao acaso e sem direção. A advertência Baudeleriana, retomada por Walter Benjamin, nos assinala o que acontece com o *pieton-flâneur* (pedestre despreocupado), quando surgem as “passagens” de Paris (precursoras dos *shoppings centers* contemporâneos) – ocorre um deslocamento do “vagar”, e o olhar do passante se volta para as vitrines, agora enfileiradas de forma serializada e organizada, bem ao gosto dos tempos modernos industriais progressistas. Taylor que o diga, Jane Jacobs que o denuncie!

Seriam essas novas ocupações, movimentos e manifestações urbanas, a nova ordem (mundial) da *urbis* contemporânea? Que relação é possível esta-

belecer entre o atual movimento nas/das ruas e o universo corporativo-organizacional, o mundo do trabalho contemporâneo, estruturado em grandes e arrojados projetos arquitetônicos?

Uma das compreensões de *Urbis et orbi* que utilizaremos é o clamar por todo mundo e/ou clamar a todo mundo. Ora, o universo organizacional não é o *locus* privilegiado por excelência, que se deveria clamar a todo mundo? Não seria na empresa que a arquitetura/*design* organizacional deveria facilitar o fluxo informacional da atividade humana mais nobre, que é comunicar mensagens, símbolos e sinais?

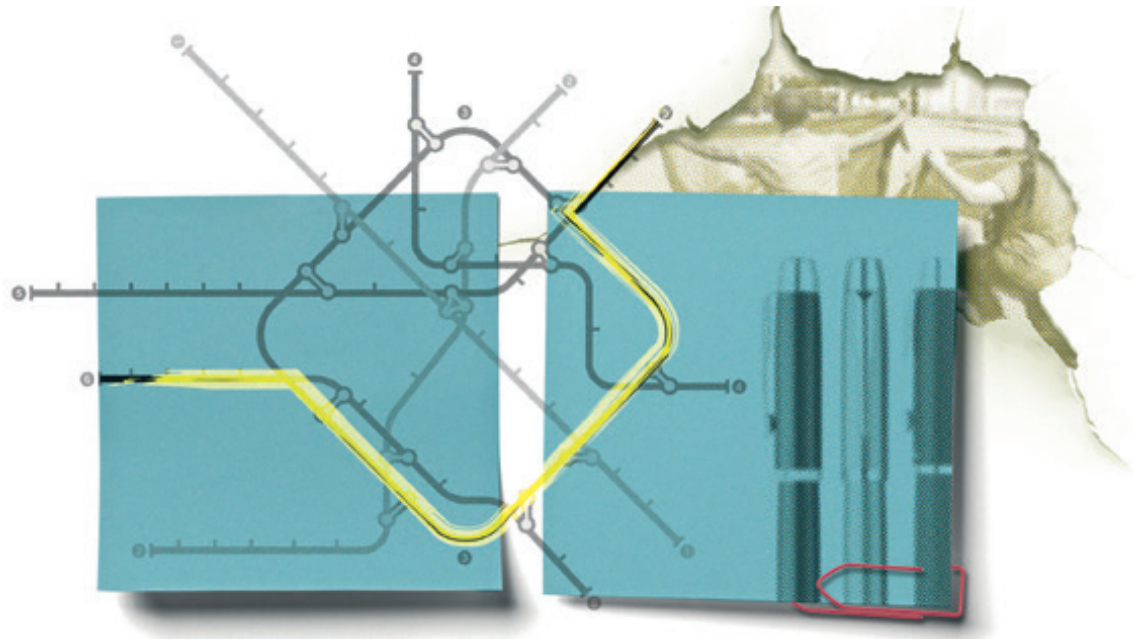
É, portanto, e ainda na *urbis*, desde as primeiras trilhas pré-históricas, nas cidades e em suas ruas – pontos de ligação – que acontecem as interações entre linguagem e transmissão de sinais. E não parece ser diferente nas aldeias pós-globais do contemporâneo. Podemos afirmar, sem receio, que a cidade – *urbis* organizacional contemporânea – suprimiu o fluxo linguajeiro e as rodas de conversa entre seus indivíduos, e ainda hipertrofiou a aglomeração espacial, como aconteceu nas ruas das metrópoles ultramodernas, na linha racionalista-funcional arquitetural concretista.

Urbis também é o lugar por excelência do exercício da urbanidade, no sentido elevado do “ser urbano” – aquele que é civilizado e, em consequência, polido e educado. Em resumo, lugar da prática da gentileza urbana.

Devemos ser “urbanos” nos espaços organizacionais. Mas, o que fazer se esses espaços cada vez mais nos constroem como sujeitos falantes? Não por acaso surgiu o *Living Dialogue*, metodologia que nasceu da pesquisa “O valor do bate-papo no escritório”, feita pelo professor Alex Pentland, do MIT. A conclusão óbvia é que as pessoas que conversam nos corredores e nos locais de café – espaços positivos do *panopticum* organizacional – são mais produtivas, pois atuam como artífices da inteligência social (Daniel Goleman), esta competência tão desejada e pouco alcançada no ambiente corporativo.

Outra aplicação do valor da conversa, do olhar face a face, é o engajamento. Algumas empresas já proíbem usar o e-mail para se comunicar quando o seu posto de trabalho fica a menos de seis metros de distância do destinatário da mensagem.

O universo da rua será aqui comparado ao uni-



verso organizacional, como metáfora da antropologia urbana, para compreensão dos fluxos de linguagem na comunicação dos discursos do indivíduo da *urbis*, que habita a cena organizacional. É preciso entender a trama intrincada do que ocorre em uma situação microsocial, a realidade fluida e de causalidade múltipla e recíproca, que domina o mundo de múltiplas e complexas variáveis, como é o caso do espaço urbano das ruas e dos corredores organizacionais.

A cidade (*urbe*) organizacional – a ambiência organizacional – deve “bem abrigar” o homem organizacional, o *humanus urbanus* por excelência. A *Polis* sempre foi a cidade revelada por meio de seus aspectos morais, que cuidava da conduta humana de seus cidadãos, nas ruas e vielas de sua intrincada geografia, assim como a ética e a imaginação criativa devem ser o *ethos* da cena organizacional.

A ORGANIZAÇÃO E A RUA COMO “VIAS” DE INVESTIGAÇÃO DO CONTEMPORÂNEO

A “via” como método foi um caminho sistematizado por *Theoros* (que deu origem à palavra teoria), para compor uma narrativa apreciativa sobre a experiência vivida (no próprio caminho). Marcha, viagem, curso, sempre um trajeto. O que ressona na palavra de ordem das últimas manifestações de rua no Brasil? “Passe livre”, ou seja, demanda coletiva de uma mobilidade urbana “liberada”, de segurança e

conforto no direito de ir e vir. No fim das contas é o que produz a diversidade transcultural na cena contemporânea da *urbis*.

Será que a rua não expressa um sintoma global de insatisfação com o “sistema” que, ao diminuir investimentos sociais em nome do resgate da bancarrota geral, premia os arquitetos da crise? As ruas “tiraram” o *homo-consumus* dos *shoppings* e colocaram o sujeito-cidadão em comoção a céu aberto. Múltiplas identidades em trânsito, em fluxo. Não se trata aqui de seres estáticos autodirigidos, pois está em movimento. Num movimento alardeado como sem líderes, em tempos de reivindicação de “passagem livre”.

A rua e suas regras (não normas) de convívio urbano social e coletivo. O sentido da rua para além da direção dá significado. A rua, o signo e suas *tribus urbans*. Se o “corpo fala”, nas ruas ele exclama! E como exclama – gritos, máscaras, cartazes, ordem e desordem. Espaço do público cuja linguagem faz surgir palavras de ordem, refrão da cena de rua. Interação social que contraria o privado. Das ruas nascem os coletivos curatoriais, novos arranjos socioprodutivos, assim como definições de novas estéticas mais abertas e tendências comportamentais que, certamente, vão impor estilos modais.

O tecido urbano, com suas linhas de fuga e tessitura “inconforme”, nos permite o exercício de certa informalidade consentida e cordial, tão ao



gosto do jeitinho brasileiro de ser. A rua é de todos e não pertence a ninguém. A rua somos todos nós, na contraposição do privatismo do “Eu” nessa modernidade tardia. A missão das ruas é, antes de tudo, ser democrática, plural. A rua deve proporcionar acessibilidade a todos – este é o seu valor de uso. Assim, se viabiliza como espaço de trocas, de diversidade, transformando-se em um grande mercado a céu aberto. A rua luta contra o isomorfo e homogêneo, resistindo à objetivação arquitetural e caricatural espaceogênica de uma modernidade racional-funcionalista, cujo arquétipo nuclear pode ser observado em Brasília.

Daí a importância das ruas para além da ideologia – como uma espécie de resistência contra as forças unificadoras que ainda insistem em planificações “tábula rasa” de réguas engenheiro-arquitetônicas, provenientes da razão totalizadora que define e antepõe o centro e a periferia.

A rua como uma combinação conflituosa de linhas de forças, cujos fluxos se articulam em redes de ressignificação político-estéticas, parecendo lutar contra a ordenação estática que imobiliza. A rua é o que está por vir como tendência. Ela apresenta seus sinais e signos, aparentemente dispersos, diferenciados na sua diversidade caórdica e paradoxal, combinando elementos heterogêneos que, no entanto, produzem unidades de sentido substantivas e coerentes.

O atual movimento de rua coloca em xeque o que vemos através de nossa tela, telinha e telões. Pois a questão não é saber o que estamos vendo, mas a dificuldade de nos reconhecer no que é apresentado. Aqui encontramos o ato de performar nas ruas, assim como no cenário corporativo. O coletivo, nos dois espaços, clama por sua existência. Individualizamos muito o mundo e o coletivo ficou à deriva. Mas sem o coletivo colaborativo não existe criação, esta capacidade humana de interagir com o mundo.

ASSIM COMO AS RUAS, AS ORGANIZAÇÕES, EM SEU CAOS ORGANIZADO, FAZEM CIRCULAR AS PESSOAS QUE CARREGAM E TROCAM VALISES DE CONHECIMENTO E EXPERIÊNCIAS SIGNIFICATIVAS

Nessa perspectiva, Nicolas Bourriaud (2009) nos propõe uma “estética relacional” como a arte, que só pode existir em seu julgamento a partir das relações inter-humanas que ela produz ou cria. Assim, a rua seria uma performance artística a céu aberto, onde a interação dos fluxos humanos é constante e permanente. De certa forma, a arte de viver é vista na rua, mesmo que seja através de uma contra-arte ou uma ironia da vida. Em princípio, a rua não é de ninguém e é de todos, numa conexão de potencialidades e pontos de encontro viáveis e viários, que pedem passagem para uma espécie de “passe livre” – a *urbis* pede passagem para existir, abrindo alas para os sem ideologia, sem partido e sem líder.

Nesse sentido temos na rua uma trajetória, assim como temos nossa trajetória nas empresas. Esse percurso conta uma experiência. Mas como contamos essa experiência pelas “rádios-peões” das ruas organizacionais? Recontamos nas ruas nossa experiência laboral da jornada diária – estando do lado de fora das “empresas”, numa esquina da rua, no *happy hour* para fora da catraca, seja ela visível ou não.

Todo mundo se encontra em uma rua. As “inóvias” urbanas, como espaço público por excelência, são um retrato irretocável do *street style*, mostrando em sua cenarização o ir e vir, e o devir do *humanus urbanus*.

A rua é o “caminho livre” (*Houaiss*), no que podemos relacionar a definição do dicionário com a demanda real de “passe-livre”. O que muitas vezes não observamos é que esse caminho livre nas organizações (circulação do conhecimento) é paradoxalmente sinalizado por aquele que é muito livre (*hors-norme*), “fora da caixa”. No entanto, esses *outliers* (discrepantes) nas empresas, podem acabar no “olho da rua”. O que atesta muitas afirmações dos RHs, de que a competência recrutada nas organizações (pensamento livre e inovador,

por exemplo) pode vir a ser aquilo que não retém o talento, que se autodefenebra e/ou é defenebrado.

Certo é que temos procurado a *via vivendi*, ou como viver mais a vida, no espaço das ruas que se transformam em contextos diferenciados, produzindo processos vivos de aprendizagem a céu aberto, num cenário multiverso, caótico e que precisa encontrar um equilíbrio dinâmico. Só assim, o tráfego humano e maquinal terá trânsito num fluxo incontinuo de demandas sufocadas, trocas de afeição e mercadorias.

Assim como as ruas, as organizações, em seu caos organizado, fazem circular as pessoas que carregam e trocam valises de conhecimento e experiências significativas. O que revelam ou o que desvelam essas pessoas, o que elas trocam e explicitam, e em qual contexto? Nas ruas-corredores das empresas e organizações/ instituições, o que nos resta é tentar rastrear e antever uma demanda latente, que talvez um dia venha a ser lida num cartaz do corredor (rua) organizacional – “Saí da baía” –, juntamente com outros cartazes que talvez digam: “Trabalhar é preciso, mas sem conversar não é preciso”, parodiando o grande poeta português.

Não seria o momento de construir um novo *design* – ambiência – organizacional que busque redesenhar a organização, mais como um “espaço falante” que os atuais espaços “digitantes”?

ANDERSON SANT’ANNA é professor, pesquisador e coordenador do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas e Liderança da Fundação Dom Cabral, doutor em Administração pela UFMG.

RICARDO CARVALHO é professor da Fundação Dom Cabral e pesquisador do Núcleo de Desenvolvimento de Pessoas e Liderança da Fundação Dom Cabral, doutor em Sociologia pela Universidade Paris VII.